



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 10, v. 1 nov.2018-abr. 2019

p. 327-342.

# “Futebol é coisa para mano, mana e mona”? A LiGay Nacional de Futebol Society do Brasil

Diego Santos Vieira de Jesus<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo é examinar a relevância sociocultural da LiGay Nacional de Futebol Society do Brasil e os desafios enfrentados por tal liga na realização de seu campeonato brasileiro em 2017 e na disseminação de uma proposta inclusiva de toda a população LGBT no esporte. O argumento central indica que a LiGay contribuiu para a desestabilização de concepções rigidamente construídas em torno do futebol como um espaço quase exclusivo de atuação de homens heterossexuais e motivou laços de solidariedade entre pessoas que compartilham experiências de opressão. Entretanto, a organização de seu primeiro campeonato nacional enfrentou dificuldades na atração de patrocinadores, e a maior parte dos atletas reconhece a superioridade da masculinidade hegemônica ligada a um estereótipo ideal de atleta de corpo másculo e viril e dotado de um *ethos* guerreiro, o que dificulta o estímulo ao interesse e a incorporação dos LGBTs que não se enquadram em tal perfil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Esporte; LGBT; Masculinidade Hegemônica; Heteronormatividade.

**Abstract:** The aim is to examine the sociocultural relevance of Brazil's National Soccer Society LiGay and the challenges faced by such league in hosting its championship in 2017 and the dissemination of an inclusive proposal of the entire LGBT population. The central argument indicates that LiGay has stimulated the destabilization of conceptions rigidly built around soccer as an almost exclusive space for heterosexual men. It also motivated ties of solidarity among people who share experiences of oppression. However, the organization of its first championship has faced difficulties in attracting sponsors, and most athletes still recognize the superiority of a hegemonic masculinity linked to an ideal stereotype of an athlete with a muscular body and a warrior “ethos”, which makes it difficult to stimulate the incorporation of LGBT individuals who do not fit into this profile.

**Keywords:** Soccer; Sport; LGBT; Hegemonic Masculinity; Heteronormativity.

**Resumen:** El objetivo es examinar la relevancia sociocultural de la LiGay Nacional de Fútbol Society de Brasil y los desafíos enfrentados por tal liga en la realización de su campeonato brasileño en 2017 y en la diseminación de una propuesta inclusiva de toda la población LGBT en el deporte. El argumento central indica que la LiGay contribuyó a la desestabilización de concepciones rígidamente construidas alrededor del fútbol como un espacio casi exclusivo de actuación de hombres heterossexuales, lo que motivó lazos de solidaridad entre personas que comparten experiencias de opresión. Sin embargo, la organización de su primer campeonato nacional enfrentó dificultades en la atracción de patrocinadores, y la mayor parte de los atletas reconoce la superioridad de la masculinidad hegemónica ligada a un estereotipo ideal de atleta de cuerpo varonil y viril y dotado de un *ethos* guerrero, lo que dificulta el estímulo al interés y la incorporación de LGBTs que no se encuadran en tal perfil.

**Palabras clave:** Fútbol; Deporte, LGBT; Masculinidad Hegemónica, Heteronormatividad.

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutor em Relações Internacionais pela PUC-Rio e docente e pesquisador do Programa de Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa da ESPM-Rio. E-mail: [dvieira@espm.br](mailto:dvieira@espm.br)

Recebido em 16/05/18

Aceito em 19/07/18

## 1. Introdução

Manifestações de homofobia e provocações LGBTfóbicas são frequentes em competições esportivas, em especial em partidas de futebol de atletas profissionais ou amadores. Em 2017, em resposta a essas formas de preconceito, foi criada a LiGay Nacional de Futebol Society do Brasil – mais conhecida como simplesmente “LiGay” –, responsável por criar o primeiro campeonato brasileiro gay de futebol, a Champions LiGay, no Rio de Janeiro (GAMMARO, 2017). O lema do campeonato foi “Futebol é coisa para mano, mana e mona” (FURTADO, 2017), sendo que o termo “mano” tipicamente se refere aos homens de perfil mais másculo e viril; “mana”, às lésbicas, às *drag queens* e às travestis; e “mona”, aos homens homossexuais classificados em sociedades patriarcais como “afeminados”. A Champions LiGay de 2017, cujos jogos foram transmitidos pelo Facebook, contou com a participação de oito times: Beescats e Alligaytors, do Rio de Janeiro; Futeboys e Unicorns, de São Paulo; Bravus, do Distrito Federal; Magia, do Rio Grande do Sul; Sereyos, de Santa Catarina; e Bharbixas, de Minas Gerais, os vencedores do campeonato ocorrido em novembro de tal ano (RODRIGUES, 2017).

Em abril de 2017, os Unicorns incentivaram a criação de outros times e encorajaram pessoas a praticarem futebol, independentemente da identidade de gênero e da orientação sexual (LGNF, 2017). A formação da LiGay – uma federação amadora que reúne os times de futebol brasileiros constituídos por gays – deu-se com a cooperação dos Beescats com os Unicorns e os Futeboys a fim de estimularem a formação de outras equipes por todo o Brasil. Modelada a partir de eventos internacionais que reúnem atletas LGBT, como os OutGames e os World Gay Games, a Champions LiGay ofereceu maior visibilidade a homens homossexuais que praticam futebol e gostam do esporte, ainda marcado por visões depreciativas em relação a formas de sexualidade distintas da heterossexual. Ainda que nem todos os times disponham de financiamento e preparo técnico, as partidas servem não apenas para a conquista de tal espaço por homens homossexuais no esporte, mas também a representação de elementos que expressam as suas identidades em campo, como as roupas, os acessórios e as comemorações das vitórias atingidas (RODRIGUES, 2017).

O objetivo do artigo é examinar a relevância sociocultural da LiGay Nacional de Futebol Society do Brasil e os desafios enfrentados por tal liga na realização de seu campeonato em 2017 e na disseminação de uma proposta inclusiva de toda a população LGBT em tal esporte. O argumento central indica que a LiGay contribuiu para a desestabilização de concepções rigidamente construídas em torno do futebol como um espaço quase exclusivo de atuação de homens heterossexuais e motivou



laços de solidariedade e identificação entre pessoas que compartilham experiências de opressão e discriminação. Desenvolve-se, com tal aproximação, uma resistência a instituições heterossexistas potencialmente opressoras. Entretanto, a organização do primeiro campeonato brasileiro da LiGay enfrentou dificuldades na atração de patrocinadores, e a maior parte dos atletas ainda reconhece a superioridade de uma masculinidade hegemônica ligada a um estereótipo ideal de atleta de corpo másculo e viril e dotado de um *ethos* guerreiro. Tal permanência dificulta o estímulo ao interesse e à incorporação por parte daqueles indivíduos LGBT que não se enquadram em tal perfil.

## 2. Fundamentação teórica

Os homens atletas são valorizados enquanto símbolos de virilidade não somente porque o tamanho e a força de seus corpos oferecem a eles oportunidades de vencer ou intimidar outros homens. Os elementos físicos mostram-se associados a características psicológicas como a disciplina e o autocontrole, além do domínio social sobre mulheres e outros homens (KLEIN, 1993). No caso específico do futebol, a virilidade desses atletas é fortalecida não apenas pelas performances ideais em campo, mas pela exploração da imagem dos jogadores pela publicidade para a comercialização de bens e serviços associados ou não ao esporte (CARNIEL, 2009).

Desde o século XIX, a glória do atleta masculino não depende apenas das suas qualidades físicas ou técnicas, mas da expressão simbólica do poder coletivo que ele incorpora. Esse atleta mostra-se associado à noção de “soldado-cidadão”, que alia, por meio do esporte, a representação militar do homem “escudo da nação” a valores morais de uma civilização tida como ideal pelo grupo social do qual ele faz parte. Os esportes – dentre eles, o futebol – consolidaram-se como meios de constituição da virilidade, a ponto de serem recomendados à educação da população masculina para a garantia da sua dominação simbólica. As qualidades ligadas ao soldado, ao cidadão e ao pai poderiam ser alimentadas pelo esporte, como o controle de emoções e da vontade, o altruísmo, a solidariedade e a motivação. No século XIX, ainda tinha primazia a ideia de que o esporte desviava o corpo feminino das suas funções morais – particularmente das obrigações da “decência” – e fisiológicas, uma vez que predominava a perspectiva de que as mulheres deveriam ser moldadas para se tornarem mães (RAUCH, 2013, p. 342-380).

Ainda que as práticas esportivas realizadas pelas mulheres sejam mais valorizadas na contemporaneidade, em face das conquistas sociopolíticas femininas na segunda metade do século XX, o esporte continua representando um ideal para homens jovens, além de ser frequentemente



mobilizado com fins publicitários e propagandísticos diante do avanço da globalização (CONNELL, 2003, p. 1-2; HELD, 1999). Em tal situação, o futebol foi um dos esportes em que mais se observou a construção de ícones de virilidade, que também trazem retornos lucrativos a empresas e governos. Nessa construção, reforça-se uma perspectiva da virilidade ligada à bravura, à tomada de riscos e à força corporal, recuperando-se tradições socioculturais e se apropriando de elementos artísticos e criativos a fim de se consolidar o esporte enquanto objeto de consumo. Tal processo de construção da virilidade do atleta veio intimamente ligado à agregação de valor comercial a marcas de clubes, imagens de times e personalidades de jogadores (CARNIEL, 2009, p. 76-77).

O futebol reflete e, ao mesmo tempo, reforça hierarquias de grupo masculinas, orientadas por elementos patriarcais. Isso se observa particularmente na sociedade brasileira, em que assumiu papel fundamental na constituição de identidades individuais e coletivas da população. Atletas desse esporte frequentemente se adequam aos padrões da chamada “masculinidade hegemônica”, que trouxe estratégias bem-sucedidas de subordinação feminina que sustentaram a dominação masculina (CONNELL, 1993, p. 603). Tais atletas personificaram normativamente uma forma culturalmente idealizada do que é “ser homem”, que validou a objetificação sexual da mulher e negou homens como objetos sexuais para outros homens. Tais masculinidades hegemônicas não são estanques nem norteadas por parâmetros trans-históricos, de maneira que, em cada momento específico da história, podem oferecer modelos de relações com mulheres e outros homens nem sempre baseados na violência física, mas também na persuasão, no consentimento e na violência simbólica contra as feminilidades e as “masculinidades subordinadas”, como as homossexuais. A hegemonia de modelos específicos de masculinidade está associada a uma estrutura de opressão na ordem de gênero, que necessita de exemplares que sejam culturalmente exaltados, dentre os quais cabem citar atletas como os jogadores de futebol. Esses modelos beneficiam aqueles homens que estejam em conformidade com as exigências das masculinidades hegemônicas ao conferir a eles apoio social e minimização da ansiedade em torna da própria “condição de homem” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005, p. 832-833, 846-851; DONALDSON, 1993; HOOPER, 2001, p. 56, 60-62, 75-76).

Os padrões hegemônicos de masculinidade ligados aos jogadores de futebol estão amplamente conectados à adoção de comportamentos viris em campo, em especial a utilização da agilidade, da técnica e da potência física para um bom desempenho atlético. Na definição da virilidade dominante nesses jogadores, o aprimoramento do desempenho na atividade profissional acompanha, para muitos desses jogadores, o sucesso em todas as esferas da vida, como a financeira – em geral superando condições adversas de vida por meio da conquista da riqueza e do status



superior em relação a outros homens –, a sentimental – como a valorização da família, da paternidade e da fraternidade com seus parceiros de time – e a sexual, em especial a conquista heterossexual (BORGES, 2016; CECCHETTO et al., 2012). Na construção da masculinidade que permeia o padrão hegemônico no futebol, tais jogadores inscrevem-se numa espécie de “*ethos* guerreiro” (ELIAS, 1994), fortemente associado a um conjunto de disposições físicas e morais ligadas à superioridade, força e controle e orientadas para um desempenho ótimo dentro e fora dos campos (CECCHETTO et al., 2012). Tais padrões são frequentemente acompanhados, fiscalizados e estimulados por torcedores, que ratificam as características que almejam ver e projetar em atletas tidos como ídolos. Os jogadores por eles idealizados são concebidos não apenas como sucessos profissionais, mas também como indivíduos bem-resolvidos em suas vidas afetivas, sentimentais e sexuais ao cumprirem as expectativas sociais dominantes do que se espera de um homem em um contexto patriarcal, machista e homofóbico (JESUS, 2017).

Nesse sentido, atletas que fugissem a tais padrões seriam considerados menos másculos ou viris, sendo ligados à fraqueza, à fragilidade e ao menor aprimoramento técnico ou frequentemente associados ao universo feminino em sociedades patriarcais. Em linha próxima à desenvolvida por Richard Miskolci (2013, p. 316-322), pode-se dizer que mesmo jogadores que se identifiquem com outras masculinidades – como as gays – reconhecem, numa ordem heteronormativa, a superioridade física associada ao estereótipo do “macho” – em particular o corpo másculo e viril – e as características ligadas à masculinidade hegemônica que predomina no universo do futebol, como a disciplina, a força e o domínio. A heteronormatividade remete a uma ordem na qual as expectativas, as demandas e as obrigações sociais derivam da naturalização da heterossexualidade, bem como as prescrições que embasam processos sociais de regulação e controle (BUTLER, 2003; JESUS, 2014, p. 44). Cientes da estigmatização do homossexual nessa ordem, tais homens gays muitas vezes optam por se proteger da exposição, da humilhação e da ridicularização das quais são alvos, indivíduos colocados como frágeis ou com menos força e tamanho. Não raramente tais características das quais procuram se distanciar são associadas à condição feminina, concebida em termos inferiores nas noções de masculinidade hegemônica. Pode-se, assim, compreender por que tantos jogadores homossexuais não revelam sua orientação sexual ou, quando revelam, fazem-no em momentos em que já abandonaram as carreiras nos campos.

A criação de espaços específicos para competições esportivas entre atletas LGBT, como os OutGames e os World Gay Games, oferece a oportunidade para uma maior visibilidade dos valores, das expressões culturais e criativas e também da capacidade técnica de LGBTs na realização das atividades



esportivas. Mais do que eventos meramente voltados para competições atléticas que atraem turistas e movimentam diversas economias locais e nacionais, esses espaços funcionam como meios de se criarem zonas de identificação entre pessoas que dividem experiências de opressão – tanto atletas como frequentadores –, além de estimularem o diálogo político-social quanto a garantias de direitos a essas pessoas, motivarem a criação de ações afirmativas e a revisão de políticas públicas para LGBTs e reforçar o diálogo entre os movimentos sociais LGBT e outros setores da sociedade. Eles podem, assim, contribuir para a constituição de uma consciência política coletiva a partir das subjetividades individuais e das conjunturas sociais nas quais essas subjetividades estão imersas (ORTOLANO, 2013).

Porém, o fato de que atletas, organizadores e muitos frequentadores desses eventos esportivos viverem abertamente suas identidades de gênero e sexualidades não traz obrigatoriamente a aceitação ou o reconhecimento pleno de todas as diferenças e a valorização nas suas especificidades. Tais atletas – em especial os homens gays, cisgênero, brancos e de classes média e alta – podem manter ativos regimes de controle social que excluem outros membros da população LGBT (MISKOLCI, 2016; JESUS, 2017). Ainda que coexistam com as múltiplas diferenças dentro dessa população durante os eventos, os competidores, organizadores e muitos dos frequentadores dos eventos ainda podem manter intactos elementos estéticos e valorativos que sinalizam a centralidade da masculinidade hegemônica associada a um estereótipo ideal do atleta, como o perfil de corpo másculo e viril e o *ethos* guerreiro durante as competições. Nesse sentido, a coexistência e a convivência promovida por tais eventos esportivos podem motivar mudanças procedimentais formais de comportamento, mas não necessariamente transformam as crenças e as atitudes que perpetuam a discriminação em relação às diferenças dentro da própria população LGBT (PROCTOR-THOMSON, 2009).

### 3. Considerações metodológicas

De caráter predominantemente exploratório, o estudo buscou focar a relevância sociocultural da formação e da atuação da LiGay e os desafios na realização de seu primeiro campeonato em âmbito nacional. Na coleta de dados, além da pesquisa bibliográfica sobre a construção da masculinidade hegemônica no esporte e a da sua ligação com a ordem heteronormativa especificamente no futebol, foi executada uma compilação de dados divulgados na imprensa acerca da LiGay, dos times e do tratamento das questões relacionadas às identidades de gênero e às orientações sexuais no futebol e em outros esportes a fim de contextualizar o objeto de estudo, coletar falas de atletas que revelassem suas visões sobre a competição organizada pela LiGay e seu papel social e indicar os principais desafios enfrentados pelos competidores e seus times na preparação e no treinamento e pelos



organizadores na produção da Champions LiGay de 2017.

Foram também coletadas informações em perfis da LiGay e dos times que concorreram na Champions LiGay no Facebook, a saber: imagens disponibilizadas em postagens nesses perfis, textos que acompanhavam tais postagens e comentários de usuários. Os propósitos foram mapear a composição dos times em termos de identidade de gênero, sexualidade, classe social e raça dos membros e identificar os posicionamentos oficiais da LiGay e dos torcedores com relação ao evento esportivo, aos times e aos seus membros. Além disso, foram realizadas observações não-participantes dos elementos visuais que compõem os símbolos de cada time, disponibilizados em seus perfis oficiais no Facebook, bem como seus nomes, a fim de se identificarem a relação das mensagens verbais e visuais na composição das próprias identidades das agremiações. Foram também assistidos os vídeos das partidas da Champions LiGay 2017, transmitidos pelo Facebook, com o propósito de se identificarem os perfis de atuação dos jogadores em campo e as reações da torcida durante os jogos.

#### 4. Resultados

O número de atletas assumidamente LGBT participando de modalidades esportivas tradicionais é bastante reduzido. Por exemplo, durante os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, somente 49 atletas se autodeclaravam LGBTs, em um evento que contou com mais de 10 mil competidores, de acordo com o site Outsports, citado por Rodrigues (2017). Na história dos Jogos Olímpicos, somente 257 haviam assumido uma orientação sexual que não fosse a heterossexualidade, segundo o historiador Tony Scupham-Bilton, entrevistado por Rodrigues (2017). No caso do futebol, os casos são mais raros ainda. O jogador de futebol assumidamente gay mais conhecido mundialmente é Thomas Hitzlsperger, da seleção da Alemanha, aposentado em 2010 por conta de lesões. Entretanto, Hitzlsperger só se assumiu homossexual depois de ter deixado o esporte (RODRIGUES, 2017). No caso brasileiro, o meio-campo Richarlyson foi apresentado ao Guarani em 2017 para a disputa da série B do Campeonato Brasileiro sob protestos e bombas da própria torcida por sua suposta homossexualidade. As polêmicas em torno do jogador – que se declara heterossexual – iniciaram-se em 2007, quando o diretor administrativo do Palmeiras, José Cirillo Júnior, teria afirmado que o jogador seria gay. O juiz Manoel Maximiniano Junqueira Filho, da 9ª Vara Criminal de São Paulo, arquivou o processo movido por Richarlyson contra o dirigente, dizendo que “o que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicaria a uniformidade de pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio, o ideal” (SPORTV, 2017).



Segundo um jogador do Sereyos, “temos [no Brasil] jogadores que já atuaram em grandes times nacionais, portanto com grande dificuldade de relações e não se assumindo. Já a grande maioria [de jogadores gays] sempre jogou em futebol amador”. Em face de tal preconceito, a formação da LiGay representa uma reação na tentativa de atribuição de maior visibilidade à participação LGBT nesse esporte. De acordo com a LiGay em sua página no Facebook,

os gays efetivamente entraram em campo, e não foi de salto alto. Entraram de chuteira mesmo, para arrebentar tudo, marcando muitos gols. Mas o gol mais importante que cada um dos jogadores fez neste ano foi no preconceito (LGNF, 2017).

A proposta dos organizadores era buscar romper as barreiras do preconceito em um dos esportes em que as manifestações de homofobia ocorrem de maneira mais frequente. O primeiro time da LiGay foi o Unicorns, fundado em 2015. Um dos criadores do time afirmou que, dentre os motivos que o levaram a querer ser jogador de futebol, estava o fato de ter sido criado por uma família aficcionada pelo esporte, que deu a ele o apoio para que praticasse o esporte e criasse um time exclusivamente formado por homens gays. Entretanto, jogadores reconhecem que “sentimentos são sufocados” como uma maneira de proteção à homofobia latente no meio esportivo, que frequentemente vem revestida por brincadeiras e piadas. Em espaços nos quais não se sentiam bem-vindos, muitos talentos se perderam ou se esconderam para serem aceitos e bem-sucedidos (FURTADO, 2017).

Entretanto, em face da hostilidade que enfrentavam na forma de *bullying* ou mesmo de violência física, outros homens gays tiveram o incentivo para desenvolverem seus próprios times, em especial diante da dificuldade de que pessoas declaradamente homossexuais conseguissem ser inclusas nas equipes tradicionais de futebol. Segundo um membro do Bharbixas, “participar da LiGay é, acima de tudo, sinalizar à sociedade e ao mundo do futebol que existimos e que muitos de nós fomos e somos preteridos, todos os dias, por preconceito. Trata-se de um posicionamento claro: gays jogam bola e jogam bem!”. Entretanto, muitos jogadores afirmaram que a preservação de uma fachada de “macho” ou de “não-afeminado” foi fundamental para que pudessem até mesmo acessar os próprios times gays. “Não sofri preconceito por ser gay no futebol porque não era afeminado. Mas sempre tive de me conter para evitar algum comentário ou alguma piada”, disse um jogador do Beescats (FURTADO, 2017).

A observação dos símbolos de cada time permitiu constatar que eles lembram o formato de escudos de times tradicionais do futebol, mas trazem em geral a figura de algum animal – como o





veado, a abelha (“bee” em inglês, termo também usado em referência aos homossexuais), o gato (“cat”, em inglês) e o jacaré (“alligator”, em inglês) – ou de seres mitológicos – como o unicórnio ou a sereia (termo usado no masculino em referência a um homem bonito) –, frequentemente associados ao universo gay. Os nomes ancorados a esses símbolos muitas vezes fazem trocadilhos com termos frequentemente usados por homens gays em tom de ironia, haja vista até o próprio nome da Liga: “LiGay”, que faz referência não só ao termo “gay”, mas ideia de “ligação”, que pode estar relacionada a “fazer algo funcionar”.

Alguns desses trocadilhos foram mobilizados a fim de desmistificar as dimensões pejorativas ligadas a determinadas classificações atribuídas a homens gays. Por exemplo, o nome “Beescats” associa as palavras “bees” e “cats” em inglês, mas a pronúncia lembra “biscates”, termo que, em português, refere-se a pessoas que exercem tarefas de curta duração, em especial sexo, ou vivem da prostituição. A referência a garotos homossexuais fica clara no nome “Futeboys”, tendo em vista que o termo “boy” é frequentemente usado por homens gays em referências a homossexuais mais novos ou a homens profissionais do sexo. O nome “Bharbixas” faz o trocadilho com a sigla de Belo Horizonte (BH) e o termo “bicha”, usado pejorativamente em referência a homossexuais. O trocadilho remete a uma barba curta e rala. Além disso, na composição dos nomes dos times, brinca-se com a grafia de palavras a fim de aproximá-los do linguajar utilizado por gays e fazer referência à própria orientação sexual dos membros, como “Sereyos” em vez de “Sereios” ou “Alligaytors” em vez de “Alligators”. O termo “Magia”, que dá nome ao time do Rio Grande do Sul, é utilizado com frequência no universo LGBT em referência a gays muito bonitos. A conexão do nome do time ao universo simbólico do “ethos guerreiro” – em particular à coragem e à bravura – fica clara no nome “Bravus”.

A partir da observação dos perfis, no Facebook, da LiGay e dos times que participaram do seu campeonato brasileiro em 2017, foi possível perceber que a maioria dos atletas é composta por homens cisgêneros, de classes média e alta e brancos ou pardos, sendo bastante escassa a participação de negros. Ainda que o discurso colocado pela própria LiGay seja o de “aceitar a todos”, percebe-se pelas próprias fotos postadas no perfil da LiGay e dos times que a maior parte dos jogadores adequa-se predominantemente aos padrões estéticos de corpos másculos e viris, ainda que muitas vezes apareçam em poses tipicamente associadas a homens “afeminados”, portanto acessórios com as cores do arco-íris, vestindo saias ou usando faixas de misses. Isso fica claro na foto do Bharbixas, postada pela LiGay, no contexto de sua vitória na competição de 2017 – com o “close certo”, segundo a própria Liga. Os textos inseridos nos perfis e os comentários dos próprios atletas e torcedores – estes últimos predominantemente homens gays – em geral disponibilizam informações sobre a liga, os



times e os jogos. Frequentemente, os comentários parabenizam as iniciativas da LiGay e dos times e destacam sua relevância na luta contra a homofobia. Outros estimulam os jogadores, em especial nas postagens feitas com as transmissões dos jogos da Champions LiGay ao vivo. “Vai, Stenio!”, “Vai, Giovanni!” e “Go #bharbixas” eram comentários que podiam ser vistos na transmissão da final entre Beescats e Bharbixas em novembro de 2017. Durante as partidas, vê-se, nos vídeos disponibilizados no Facebook, os jogadores demonstrando as típicas habilidades necessárias aos jogadores de futebol, como agilidade, destreza e velocidade. A torcida, embora pouco numerosa, era bastante animada, portanto tanto a bandeira do arco-íris como as insígnias dos times. Nela, viam-se não apenas homens e mulheres cisgêneros, predominantemente homossexuais, como também *drag queens* e travestis. *Drag queens* também estavam sob o comando da narração dos jogos.

A partir da maior mobilização vista na formação da LiGay, os Beescats, os Unicorns e uma equipe formada pelos melhores da LiGay disputarão na França o torneio LGBT durante os Gay Games, em agosto de 2018. Além disso, os Beescats federaram-se à Liga de Futebol Society do Estado do Rio de Janeiro, que conta com 150 equipes, divididas em oito divisões. O time é o único formado estritamente por homens homossexuais. Um dos fundadores da LiGay, que é jogador do Beescats, apontou que a equipe vem buscando bons desempenhos em eventos locais não-exclusivos para homossexuais, como a Liga do Estado do Rio de Janeiro. “Somos 100% gays e jogamos contra times héteros. Como chegamos agora na Liga, estamos na oitava divisão. Já fizemos três partidas e vencemos todas”, diz ele (GAMMARO, 2017). Ele reconhece, em entrevista a Furtado (2017), que o *bullying* e a falta de afinidade na juventude afastam homens gays do esporte:

Poderíamos ter vários talentos que poderiam alcançar até a seleção. Existem alguns que já alcançaram, mas são enrustidos. Mas a população brasileira não está preparada, ainda é falso moralista. O futebol é o esporte mais popular e mexe com o povo, que ainda é preconceituoso. Enquanto tiver esse grito da torcida de bicha, de viado como se fosse um xingamento... Só vai começar a mudar quando condenarem a homofobia e transformarem em crime (FURTADO, 2017).

Times como os Unicorns não conseguem apoio financeiro, nem mesmo contam com comissões técnicas, preparadores ou treinadores. Para participarem da competição no Rio de Janeiro em 2017, os atletas do Magia financiaram sua vinda à cidade, bem como arcaram com as despesas relacionadas a estadia, transporte e alimentação por não contarem com patrocinadores. Apesar das dificuldades financeiras, o grupo Águia, que se encarrega de deslocamentos da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em eventos no país, dispôs-se a ajudar a organização da Champions LiGay de 2017 ao buscar descontos na hospedagem e nos transportes para os times participarem do



evento no Rio de Janeiro. Em geral, quem comanda as atividades técnicas das agremiações são os próprios fundadores, e os jogadores não se dedicam exclusivamente ao futebol. A maior parte exerce profissões fora do esporte e não tem preparo técnico avançado (RODRIGUES, 2017).

Além das dificuldades financeiras e técnicas, os jogadores dos times da LiGay ainda enfrentam preconceito por sua orientação sexual nos próprios locais de treinamento. Membros do Bravus, por exemplo, já foram alvos de ofensas na quadra onde treinam. “Há pouco tempo, estava indo para o meu carro, e um homem comentou com o amigo do lado que eles deveriam trocar o lugar da pelada deles, pois na quinta-feira tinha muito veado”, conta um dos jogadores do time (GAMMARO, 2017). Alguns jogadores relataram ainda terem receio de chacotas de homens heterossexuais e a preocupação em manter uma fachada próxima a padrões heteronormativos, que os preservem da violência física e simbólica. “Eu demorei quase 30 anos para começar a jogar futebol. Não jogava no colégio por conta do preconceito, mesmo sem ser tão afeminado”, disse um dos membros do Alligaytors. Entretanto, o jogador afirma que elementos inusitados também aconteceram, de forma a mostrar que, na visão dele, formas mais rígidas de preconceito poderiam estar sendo relativizadas por donos de estabelecimentos onde ocorrem os treinos: “O cara do bar onde estávamos jogando colocou para tocar músicas da Pablo Vittar, eletrônica. Perguntamos por que ele escolheu e ele disse que havia percebido que éramos gays e procurou algumas músicas que poderíamos gostar mais”. Além disso, os fundadores da LiGay se mostraram otimistas com relação ao campeonato brasileiro gay de futebol society e ao seu futuro. “Teremos quatro campos, arquibancada, drag queen narrando alguns jogos, praça de alimentação, massagem, barbearia. E depois do evento gratuito teremos uma festa para bancar o campeonato”, disse um de seus fundadores (FURTADO, 2017).

## 5. Análise e discussão

O esporte pode funcionar como elemento de diálogo entre a população LGBT e os não-LGBTs, em particular no que diz respeito à promoção de valores como o respeito às diferenças. No caso específico da LiGay, ela traz meios para que crenças e valores sociais estagnados – que colocam, por exemplo, que homens gays não estão aptos a jogar futebol – sejam superados, desestabilizando-se concepções rigidamente construídas em torno do gênero masculino e das orientações sexuais dos jogadores. A maior consideração de laços de solidariedade e identificação permite o potencial desenvolvimento da resistência a instituições heterossexistas opressoras. A ampliar a sua visibilidade e o seu alcance nacional, as ações da LiGay estimulam o debate em torno de garantias de direitos à população LGBT, além de conquistar a adesão de homens e mulheres heterossexuais apaixonados pelo



esporte e incentivar perspectivas mais inclusivas na educação de seus filhos. Como coloca Ortolano (2013), a ação coletiva – como a mobilizada pela LiGay – carrega o desejo de visibilidade, engaja-se na conquista de direitos humanos e viabiliza o reconhecimento das pluralidades no tecido social.

Todavia, a permanência de uma ordem heteronormativa na estruturação do futebol (BUTLER, 2003; JESUS, 2014) faz com que se perpetue o entendimento de que homossexuais impõem obstáculos à uniformidade e ao entrosamento das equipes, perpetuando-se o entendimento do gay não apenas como frágil ou incapaz de executar bem tarefas técnicas, mas dotado de um instinto de “predação sexual” que incomodaria seus parceiros de time. Para além do próprio desempenho esportivo, a marginalização de homossexuais no esporte por clubes, torcedores e atletas heterossexuais impõe aos gays a ideia de que, além não terem a capacidade de atingir sucesso na atividade profissional no esporte, seriam incapazes de chegar ao mesmo patamar financeiro, sentimental e sexual de realização pessoal que os heterossexuais, conforme colocado por Borges (2016) e Cecchetto et al. (2012).

Se por um lado a LiGay representa uma clara resistência a um entendimento depreciativo em torno da participação de atletas homossexuais no futebol, por outro ela não necessariamente abala as crenças e as atitudes que reproduzem a discriminação em relação às diferenças dentro da própria população LGBT, na linha colocada por Proctor-Thomson (2009). A liga pode permitir mudanças procedimentais de comportamento ao viabilizar um trânsito mais fluido nos contatos entre as diferenças dentro dessa população e de seus membros com heterossexuais. Porém, em face dos temores advindos da estigmatização dos homossexuais, diversos atletas dos times da LiGay aproximam-se de referenciais estéticos e comportamentais em campo ainda associados à masculinidade hegemônica (CONNELL, 1993, p. 603; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005, p. 832-833, 846-851; DONALDSON, 1993), personificada em atletas heterossexuais. Como alguns dos depoimentos de atletas de times de LiGay apresentados neste estudo demonstram, muitos sentiram a necessidade de se associar ao estereótipo do “macho” másculo e viril – cuja superioridade física e simbólica é aceita pelos próprios competidores – a fim de se protegerem da exposição, da humilhação e da ridicularização às quais os “afeminados” estão mais expostos, na lógica apresentada por Miskolci (2013, p. 316-322).

A desestabilização de padrões heteronormativos por meio da ironia e do bom humor que pervertem esses padrões nos seus símbolos e nas poses presentes nas fotos e nos textos dos perfis analisados no Facebook – que inclusive é estimulada por inúmeros torcedores que comentam em



postagens da LiGay e de seus times – não se mostrou completa. A análise dos perfis do Facebook mostra que, na composição dos times, predominam homens cisgêneros, de classes média e alta e brancos ou pardos, enquanto a investigação dos vídeos das partidas revela a manutenção do “ethos guerreiro” por parte dos atletas, que se destacam pela agilidade e pela força demonstradas em campo. Ainda que transitem por elementos tipos da feminilidade, na maior parte das imagens os atletas aparecem ao lado de seus companheiros, ressaltando as noções de unidade, fraternidade e espírito de equipe que caracterizam os times dos quais fazem parte e compõem a construção do tipo ideal do atleta masculino heterossexual. Nesse sentido, os elementos destacados nas imagens e nos textos de muitos torcedores são compatíveis com as ideias de Rauch (2013) de que, na construção da virilidade, os campeões trazem consigo virtudes cardeais de obstinação, e seus times se tornaram receptáculos de solidariedade entre os membros. As virtudes individuais mostram-se ligadas à resistência, à agilidade e à coragem, típicas de um “ethos guerreiro” (ELIAS, 1994), mas que dependem também da expressão simbólica de poder do time como elemento de representação coletiva – nesse caso, não de toda a população LGBT, mas de homens gays, cisgênero e de classes média e alta. Ao transcender o próprio campeonato nacional da LiGay, tal expressão visa a ganhar proporções internacionais em eventos fora do Brasil e afirmar a presença de homens homossexuais até mesmo em confrontações diretas com times formados por heterossexuais, em campeonatos tradicionais de futebol. No entanto, lésbicas, bissexuais, transgêneros, travestis e *drag queens* não se mostram igualmente representados na composição de times – dos quais frequentemente são ausentes – ou mesmo nas torcidas. Alguns poucos desses outros LGBTs parecem estar muitas vezes relegados a posições marginais ou auxiliares na realização do campeonato da LiGay ou servir como “mascotes” das agremiações.

A predominância de homens gays cisgênero brancos ou pardos no campeonato de LiGay não significa que eles também não sejam vítimas de preconceitos ou de exclusão, como revelaram alguns jogadores acerca do tratamento conferido a eles por homens heterossexuais em seus locais de treinamento. Além disso, a falta de formalização dos times faz com que a captação de recursos de patrocinadores seja mais difícil e o engajamento ocorra predominantemente por atletas que podem arcar com gastos relacionados à participação no evento. Nesse sentido, as oportunidades de participação não se mostram efetivamente abertas a toda a população LGBT, tendo em vista que homens gays de classes média e alta podem arcar com esses gastos elevados, mas não aqueles que não se enquadram nesse perfil. Em face da necessidade de garantirem tal padrão de vida mais elevado, aqueles homens não se dedicam exclusivamente ao esporte e necessitam de outras profissões para manterem abertas as chances de participar dos times. Os constrangimentos financeiros minam o potencial de um evento como a Champions LiGay em termos de visibilidade LGBT perante a sociedade e de uma agregação mais



efetiva entre os próprios homens gays de classes sociais e níveis de renda diferentes.

A própria abertura à participação nos times parece, nas falas de alguns atletas, ainda estar condicionada à manutenção de um estereótipo de “macho”, que confere a eles maiores segurança e credibilidade na execução da sua função enquanto jogadores de futebol. Revela-se, mais uma vez, a persistência de clivagens na população LGBT, o que aponta que a maior visibilidade não necessariamente conduziu a uma igualdade de oportunidades a todos em termos de engajamento no esporte. Mantém-se a valorização social de padrões de masculinidade hegemônica, que associa os elementos físicos de força e potência muscular a características psicológicas como a disciplina e o autocontrole, que, como sinaliza Klein (1993), perpetuam o domínio social masculino sobre mulheres e outros homens.

## 6. Considerações finais

A próxima edição da Champions LiGay será 2018, em Porto Alegre, e contará com mais de 250 atletas, sendo que alguns deles virão de países convidados (RODRIGUES, 2017). Porém, a composição dos novos times revela que seus membros buscam associar-se a um ideal de virilidade que reúne disposições físicas e morais orientadas para o bom desempenho no campo. Ainda que continue estimulando a geração de espaços de identificação entre pessoas que dividem experiências de opressão, a LiGay ainda não parece se mostrar aberta a toda a população LGBT e ser receptiva a todas as diferenças em termos de identidade de gênero e orientações sexuais.

Nesse sentido, a fim de que a Champions LiGay possa efetivamente funcionar como um meio de representação social de toda a população LGBT, seria fundamental uma atuação mais forte de seus organizadores na criação de times que incluam lésbicas, bissexuais, transgêneros e travestis, por exemplo, bem como uma campanha mais abrangente de divulgação do evento a fim de se romper o estigma de que LGBTs não gostam, não se interessam, nem são capazes de exercer bem tecnicamente tarefas relacionadas ao futebol. Para a maior atração de patrocinadores, seria importante que os organizadores da Champions LiGay e dos próprios times buscassem uma maior formalização técnica e administrativa e sinalizar a potenciais investidores os benefícios sociopolíticos que o campeonato pode gerar em termos de inclusão social e respeito às diferenças. Ainda que venha cumprindo um papel importante em termos da desestabilização da ideia de que “futebol é coisa para macho”, a LiGay já conseguiu mostrar que o esporte também pode ser para os “manos que curtem outros manos”, mas ainda avançou muito pouco no que diz respeito à inclusão das “manas” e das “monas”.



## Referências

- BORGES, Fábio Mariano. A dieta da disciplina e da meritocracia entre os praticantes da musculação: biopolítica nas mídias digitais (Resumo). In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DE CONSUMO. *Anais...* Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2016.
- BUTLER, Judith. *Bodies that Matter: on the discursive limits of sex*. Nova York: Routledge, 2003.
- CARNIEL, Jessica. Sheilas, wogs and metrosexuals: masculinity, ethnicity and Australian soccer. *Soccer & Society*, v.10, n.1, p.73-83, 2009.
- CECCHETTO, Fatima Regina; FARIAS, Patricia Silveira de; SILVA, Paulo Rodrigo Pedroso; CORRÊA, Juliana Silva. Onde os fracos não têm vez: discursos sobre anabolizantes, corpo e masculinidades em uma revista especializada. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, v.22, n.3, p. 873-893, 2012.
- CONNELL, R.W. The big picture: masculinities in recent world history. *Theory & Society*, v.22, n.5, p. 597-623, out. 1993.
- CONNELL, R.W. *Masculinities*. Cambridge: Polity Press, 1995.
- CONNELL, R.W. *Masculinities and masculinity politics in world society*. Sidney: University of Sydney, 2003.
- CONNELL, R.W.; MESSERSCHMIDT, J.W. Hegemonic masculinity: Rethinking the Concept. *Gender & Society*, v.19, n.6, p.829-859, dez.2005.
- DONALDSON, Michael. What Is Hegemonic Masculinity? *Theory and Society*, v.22, n.5, p.643-657, out.1993.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. V.1: Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FURTADO, Tatiana. Rio recebe primeiro campeonato brasileiro apenas com homossexuais. *O Globo*, 19 nov. 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/2SYd1e0>>. Acesso em 3 dez 2017.
- GAMMARO, Victor. Champions Ligay: Rio recebe o primeiro campeonato brasileiro gay de futebol. *Correio Braziliense*, 25 nov. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2D8Zz11>>. Acesso em 1 dez 2017.
- HELD, David. The transformation of political community: rethinking democracy in the context of globalization. In: SHAPIRO, Ian; HACKER-CORDÓN, Casiano (Ed.). *Democracy's edges*. Cambridge: Cambridge University Press, p.84-111, 1999.
- HOOPER, Charlotte. *Manly states: Masculinities, International Relations, and Gender Politics*. Nova York: Columbia University Press, 2001.
- JESUS, Diego Santos Vieira de. O mundo fora do armário: teoria queer e Relações Internacionais. *Ártemis*, v.XVII, n.1, p.41-50, jan./jun, 2014.
- JESUS, Diego Santos Vieira de. Só para o moço do corpo dourado do sol de Ipanema: distribuição espacial da economia noturna LGBT na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 19, n. 2, p. 288-309, 2017.
- KLEIN, Alan M. *Little big men: bodybuilding subculture and gender construction*. Albany: State University of New York Press, 1993.
- LGNF. LGNF – LiGay Nacional de Futebol. *Facebook*, 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ligaybr/>>. Acesso em 1 dez 2017.
- MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Estudos Feministas*, v.21, n.1, p.301-324, jan./abr. 2013.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- ORTOLANO, Fábio. Psicologia dos movimentos sociais e as paradas LGBT de São Paulo e Campinas. *REU*, v. 39, n.1, p. 105-123, 2013.



PROCTOR-THOMSON, Sarah Belle. *Creative differences: the performativity of gender in the digital media sector*. Tese – PhD em Gender and Women’s Studies. Centre for Gender and Women’s Studies, Lancaster University, Lancaster, 2009.

RAUCH, André. O desafio esportivo e a experiência da virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Ed.): *História da Virilidade – Volume 2: O triunfo da virilidade. O século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.321-381.

RODRIGUES, Alysson. Vai começar a Champions LiGay: conheça as histórias e como surgiu o primeiro Brasileirão homossexual. *Lance*, 23 nov. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2qzsK6q>>. Acesso em 1 dez 2017.

SPORTV. Richarlyson, sobre homofobia: "É vazio, tão pequeno para aquilo que eu sou". *SporTV website*, 31 jul. 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/2vhF7aR>>. Acesso em 1 dez 2017.

